

Qualidade e Políticas Públicas na Educação 6

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Marcia Aparecida Alferes
(Organizadora)

Qualidade e Políticas Públicas na Educação

6

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Q1 Qualidade e políticas públicas na educação 6 / Organizadora Marcia Aparecida Alferes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Qualidade e Políticas Públicas na Educação; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-013-1

DOI 10.22533/at.ed.131181912

1. Aprendizagem. 2. Educação e estado. 3. Prática pedagógica.
4. Professores – Formação. I. Alferes, Marcia Aparecida. II. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As práticas pedagógicas ou práticas docentes significam o trabalho que professores realizam com crianças, adolescentes, adultos e idosos, nas salas de aula ou em espaços pedagógicos diversos. Na prática o professor poderá assumir perspectivas bem diferentes daquelas que estão preconizadas na legislação educacional e naquilo que ele aprendeu em sua formação inicial.

A prática pedagógica envolve o conhecimento teórico das áreas disciplinares, mas vai além, como demonstram os artigos contidos neste volume. As práticas envolvem também a organização do espaço pedagógico, o planejamento das atividades que serão realizadas, a relação professor e alunos, alunos e alunos, a avaliação como meio de aprendizagem, o acompanhamento realizado por coordenadores pedagógicos junto aos professores.

Em se tratando da utilização de materiais pedagógicos, alguns artigos abordam que o jogo é o principal recurso no processo do desenvolvimento psicossocial do sujeito de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, a prática docente que tende a valorizar e a respeitar os conhecimentos elaborados pelo próprio aluno, efetiva-se mediante diferentes registros (desenhos, relatos, textos e cálculos), mediante a adoção de materiais didáticos diversificados (ábacos, material dourado, sólidos geométricos, embalagens, palitos de sorvete, tampinhas de garrafas, calculadora, computadores, entre outros).

Uma prática fundamentada no conhecimento teórico e alinhada com a utilização de recursos pedagógicos é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos desde que mediada pela ação docente.

Marcia Aparecida Alferes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A GESTÃO PEDAGÓGICA COM FOCO NA QUALIDADE DO ENSINO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS DE AÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DA LEITURA – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Maria das Graças da Silva Reis</i> <i>Lúcia Torres de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819121	
CAPÍTULO 2	14
A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O EIXO DA GEOMETRIA	
<i>Leila Pessôa Da Costa</i> <i>Regina Maria Pavanello</i> <i>Sandra Regina D’Antonio Verrengia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819122	
CAPÍTULO 3	25
A PRÁTICA DO JORNAL ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR PARA O LETRAMENTO INFORMACIONAL DE FUTUROS EDUCADORES	
<i>Renata de Oliveira Sbrogio</i> <i>Maria da Graça Mello Magnoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819123	
CAPÍTULO 4	40
ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA PARA A PERMANÊNCIA E A CONCLUSÃO COM ÊXITO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS PARNAMIRIM/IFRN	
<i>Vânia do Carmo Nóbile</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819124	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DE LITERATURA INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA TRABALHO EM SALA	
<i>Bianca de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819125	
CAPÍTULO 6	66
AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR	
<i>Anderson dos Reis Cerqueira</i> <i>Ualace Roberto de Jesus Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819127	
CAPÍTULO 7	73
AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS EM MATEMÁTICA DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RN	
<i>Elcio Correia de Souza Tavares</i> <i>Ângela Maria Ribeiro de Lima Farias</i> <i>Graziella Nonato Tobias Duarte</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1311819128	

CAPÍTULO 8 81

ATRIBUIÇÕES, DIFICULDADES E SATISFAÇÃO DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS DE UM MUNICÍPIO CEARENSE

Gleíza Guerra de Assis Braga
Antonio Nilson Gomes Moreira
Glaucia Mirian de Oliveira Souza Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.1311819129

CAPÍTULO 9 94

BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE IMAGENS E TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICA PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS EM ASTRONOMIA

Erica de Oliveira Gonçalves
Marinês Verônica Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.13118191210

CAPÍTULO 10 104

COMO CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE POSITIVA DE CRIANÇAS NEGRAS ENQUANTO EDUCADOR BRANCO

Thais Stefani Donato Lima
Kênia Kemp

DOI 10.22533/at.ed.13118191211

CAPÍTULO 11 121

CRIANÇAS DA NOVA ERA - UMA VISÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA EDUCAÇÃO

Irani Campos Marchiori
Virgínia de Mauro Faccio Gonçalves Dias

DOI 10.22533/at.ed.13118191212

CAPÍTULO 12 131

CURRÍCULO E PLANEJAMENTO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Darlan Daniel Marcelino de Campos Pereira
Fabiana Meireles de Oliveira
Fatima Ramalho Lefone
José Aluísio Vieira
Mirian Nere
Rodrigo Leite da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191213

CAPÍTULO 13 135

DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA: COMUNIDADE RIBEIRINHA ROSA DE SARON, AM

Germana Ponce de Leon Ramírez
Ariana Dias Machado Tavares Alves
Suellen Contri Mazzo
Vanessa Pires Rocha Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.13118191214

CAPÍTULO 14 145

ESTRATEGIAS PEDAGÓGICAS PARA A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

Veruska Ribeiro Machado
Rosa Amélia Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.13118191215

CAPÍTULO 15	163
EXERCÍCIO DOCENTE NA PRISÃO POR PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO: FORMAÇÃO E CONDIÇÕES DE TRABALHO	
<i>Andressa Baldini da Silva</i> <i>Marieta Gouvêa de Oliveira Penna</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191216	
CAPÍTULO 16	175
INTERDISCIPLINARIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO PROEJA DE TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	
<i>Láisse Silva Lemos</i> <i>Carmencita Ferreira Silva Assis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191217	
CAPÍTULO 17	183
INTERFACE ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO: OPORTUNIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	
<i>Edson Manoel dos Santos</i> <i>Ana Paula Pacheco Moraes Maturana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191218	
CAPÍTULO 18	198
JOGO: POSSIBILIDADES DE DESENVOLVER AÇÕES AFIRMATIVAS NO ATO DE ENSINAR	
<i>Isabela Natal Milak</i> <i>Sonia Regina Silveira Gonçalves</i> <i>Vidalcir Ortigara</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191219	
CAPÍTULO 19	213
MATERIAIS ACESSÍVEIS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS	
<i>Danielle Rodrigues Monteiro da Costa</i> <i>Airton dos Reis Pereira</i> <i>Mirian Rosa Pereira</i> <i>Elzonete Silva Cunha</i> <i>Odinete Dias Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191220	
CAPÍTULO 20	222
O LADO COLORIDO DA PROGRESSÃO CONTINUADA	
<i>Vicente de Paulo Morais Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191221	
CAPÍTULO 21	233
O QUE DEVE SER MUDADO NA NOSSA DIDÁTICA PARA ATENDER O ALUNO ATUAL DA ESCOLA?	
<i>Cilmara Cristina Rodrigues Mayoral Brunatti</i> <i>Alessandra de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191222	
CAPÍTULO 22	240
O TRABALHO DOCENTE DIANTE DAS ADVERSIDADES: A (IN)DISCIPLINA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Liane Nair Much</i> <i>Weliton Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191223	

CAPÍTULO 23	249
O USO DE JOGOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA: UM PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Silva Perussi Vasconcellos</i> <i>Rosimeire Maria Orlando</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191224	
CAPÍTULO 24	259
PARCERIA DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR DO ALUNO SURDO	
<i>Ana Claudia Tenor</i> <i>Débora Deliberato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191225	
CAPÍTULO 25	273
PRÁTICA PEDAGÓGICA: IMPORTÂNCIA MICROBIOLÓGICA DA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	
<i>Wellington Alves Piza</i> <i>Camila Maria De Souza Silva</i> <i>Rafaela Franco Dias Bruzadelli</i> <i>Leticia Marques Ruzzi</i> <i>Gabriella Ramos de Menezes Flores</i> <i>Poliana de Faria Cardoso</i> <i>Talita Amparo Tranches Candido</i> <i>Caroline de Souza Almeida</i> <i>Ingridy Simone Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191226	
CAPÍTULO 26	277
PRECONCEITO E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: O QUE SINALIZAM ADULTOS SURDOS SENDO ESCOLARIZADOS	
<i>Giselly dos Santos Peregrino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191227	
CAPÍTULO 27	286
PROCESSOS DE LEITURA EM ESCOLARES: AVALIAÇÃO EM UM CENTRO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO CER II/UNESC	
<i>Ana Júlia Rosa</i> <i>Lisiane Tuon</i> <i>Angela Cristina Di Palma Back</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191228	
CAPÍTULO 28	295
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE ESCOLA ESPECIAL E ESCOLA REGULAR	
<i>Juliana Gisele da Silva Nalle</i> <i>Claudionei Nalle Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191229	
CAPÍTULO 29	303
SENSIBILIZAR PARA EDUCAR: TRABALHANDO A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
<i>Paulo Ivo Silva de Medeiros</i> <i>Maria Luisa Quinino de Medeiros</i> <i>Leandro dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191230	

CAPÍTULO 30	314
TIPOLOGIA DE ERROS ORTOGRÁFICOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Thaís Contiero Chiaramonte</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191231	
CAPÍTULO 31	321
UM EXERCÍCIO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA NO CAMPO DE LETRAS/INGLÊS: CONDUÇÃO E DESDOBRAMENTOS FORMATIVOS	
<i>Vivian Mendes Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191232	
CAPÍTULO 32	328
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO HANDEBOL PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	
<i>Isabella Blanche Gonçalves Brasil</i>	
<i>Eliane Isabel Julião Fabri</i>	
<i>Talita Fabiana Roque da Silva</i>	
<i>Lilian Aparecida Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191233	
CAPÍTULO 33	338
UMA REFLEXÃO ACERCA DO ENSINO SOBRE OS POVOS INDÍGENAS E A PRÁXIS DOCENTE NÃO INDÍGENA	
<i>Vivian Cristina Balan Fiuza</i>	
<i>Germana Ponce de Leon Ramirez</i>	
<i>Isabella Loreto Viva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191234	
CAPÍTULO 34	348
HISTÓRIA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO CINEMA DE BERNARDO BERTOLUCCI	
<i>José de Sousa Miguel Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191235	
CAPÍTULO 35	357
O ENSINO DE TEATRO NOS INSTITUTOS FEDERAIS: A METADRAMATURGIA COMO ELEMENTO DE EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM	
<i>Rebeka Carocha Seixas</i>	
<i>Maria Eduarda Oliveira Félix da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.13118191236	
SOBRE A ORGANIZADORA	364

AS DIFERENÇAS E A SALA DE AULA: DESAFIOS DO PROFESSOR

Anderson dos Reis Cerqueira

Universidade Estadual de Feira de Santana

Ualace Roberto de Jesus Oliveira

Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO: Considerando a problemática do preconceito e das diferenças, buscou-se nesse trabalho considerar as questões de desafio para o professor mediante determinadas problemáticas na esfera escolar bem como os preconceitos presente no mesmo. Sabe-se que as diferenças e os estereótipos presentes no seio escolar definem formas de ação e são um dos aspectos que constitui e que pode desencadear situações de violência, exclusão, baixo desempenho escolar e até situações de evasão. No meio escolar essa interação com o dessemelhante, quando não problematizada, dá-se por meio de comparação interpessoal pautada por conflitos, confrontos e violência. Portanto, o objetivo dessa pesquisa em desenvolvimento, é fazer uma reflexão sobre as diferenças e preconceitos visando uma forma onde o professor deve lidar com essas diferenças protagonizadas por jovens, adolescentes e comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: preconceito, diferença, escola.

ABSTRACT: Considering the problem of prejudice and differences, we sought to consider

the issues of challenge to the teacher through certain problems in the school sphere as well as the prejudices present in it. It is known that the differences and stereotypes present within the school define forms of action and are one of the aspects that constitute and can trigger situations of violence, exclusion, low school performance and even evasion situations. In the middle school, this interaction with the dissimilar, if not problematized, occurs through interpersonal comparison guided by conflicts, confrontations and violence. Therefore, the objective of this research in development is to reflect on the differences and prejudices aiming at a way where the teacher must deal with these differences carried out by young people, adolescents and the community.

KEYWORDS: prejudice, difference, school.

1 | INTRODUÇÃO

No decorrer da história, na qual a colonização se fez existente, a escravidão e o autoritarismo ajudaram para o sentimento de insignificância do negro brasileiro.

O conceito de branqueamento, que é uma consequência do racismo, foi reproduzido por ideologias e pelo estereótipo de inferioridade ou de superioridade racial. A propagação desse

mito permitiu ofuscar alguns conceitos comprovados em práticas discriminatórias de acesso ao emprego e nas dificuldades de mudança social da população negra, que ocupou e ocupa até hoje as piores posições na estrutura social, que frequenta as piores escolas e que recebe remuneração inferior à do branco pelo mesmo trabalho e tendo a mesma capacitação profissional.

A orientação de uma educação voltada para a diversidade é um estímulo lançado a todos educadores e se faz necessário um assentamento às diferenças econômicas, raciais, religiosas e sociais visando buscar um saber crítico que interprete a problemática que envolve os atores de forma que venha modificar essa realidade. Se interrogar sobre o cotidiano escolar nada mais é que pensar no multiculturalismo como um caminho para inibir as diferenças ligadas a questão de raça, gênero, às deficiências, a idade e a cultura, englobando assim uma ideologia diferente dentro de uma sociedade como a nossa que é formada por várias culturas, nas quais as marcas indenitárias, como modo de se expressar, como cor da pele, modos de agir, e a diversidade religiosa.

Compreender e respeitar o jeito de ser, rever conceitos históricos e assumir que a nossa sociedade é sim racista nos traz a ideia de construir um novo currículo opondo-se ao etnocentrismo preservando os valores básicos da nossa sociedade. Se a educação está centrada na dominação cultural da elite branca, a estratégia dos educadores ao enfrentar o desafio de encarar uma sala de aula, que por sua vez traz consigo marcas e raízes de uma sociedade que faz prevalecer a ideia de igualdade é vigente, a orientação educacional é criar estratégias delicadas que consiga não menosprezar a cultura da classe dominante, mas trazer como fator primordial para a formação da identidade brasileira a contribuição do negro para nossa sociedade. De forma a elevar a autoestima do negro e outros diferentes no cenário.

Segundo o Prof. Kabengele:

“A identidade é para os indivíduos a fonte de sentidos de experiências. Toda identidade exige reconhecimento, caso contrário ela poderá sofrer prejuízos se for vista de forma limitada ou depreciada” (MUNANGA, 2004, p3).

A escola é o espaço onde se encontra maior diversidade cultural e o local mais discriminador. Tanto é assim que existem escolas para ricos e para pobres, de boa e má qualidade. Por isso trabalhar as diferenças é um desafio para o educador, por ele ser o mediador do conhecimento, ou um facilitador do processo ensino-aprendizagem. Trabalhar essas diferenças não é uma tarefa fácil, porque para lidar com elas é necessário compreender como a diversidade se manifesta e em que contexto. Portanto, pensar em uma educação que integre essas questões, demanda uma educação democrática.

2 | METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa científica em andamento e para coleta de dados foram entrevistados 12 estudantes, divididos igualmente entre escola pública de uma cidade do nordeste do Brasil. Dos estudantes entrevistados: quatro estudantes cursavam o primeiro ano do ensino médio, quatro, o segundo ano e quatro, o terceiro ano. A idade dos participantes variou entre 15 e 19 anos. A escolha por sujeitos da esfera pública deve-se à intenção de identificar possíveis diferenças sobre preconceito e suas vivências entre grupos. O instrumento utilizado foi a entrevista semidirigida, que foi gravada e transcrita para posterior análise descritiva. Essa consistia em duas perguntas abertas onde eles colocariam seu ponto de vista descrito de maneira dissertativa. Após a transcrição das gravações, fez-se ampla leitura do material obtido, tendo como referencial teórico-metodológico a abordagem da psicologia sócio-histórica, que tem como base o materialismo histórico dialético. Nessa abordagem, entende-se que o preconceito tem suas raízes tanto na história de vida de cada um desses sujeitos, como são marcadas pelo contexto cultural, social e histórico em que estão inseridos.

3 | COMO VOCÊ SE DEPARA COM AS DIFERENÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR?

Acreditamos que o preconceito não seja um assunto afastado das pessoas em seu cotidiano escolar, a sociedade como um todo é preconceituosa; se a instituição é um desses aparelhos no bojo da sociedade ela também irá gerar atos preconceituosos com sujeitos que ela entende como fora dos modelos sociais. Compreendemos, também, que ninguém nasce com esse tipo de atitude, preferimos aceitar que seja um advento constituído nas relações sociais.

Pensamos que a escola em seu método de buscar a igualdade acaba muitas vezes fazendo exatamente ao contrário, os atos preconceituosos no seio escolar é provocado entre os próprios educadores e alunos, funcionários e até certos gestores. A escola é um espaço privilegiado de relações humanas, nela encontra-se uma enorme variedade cultural, étnica e socioeconômica, porém a forma como este ambiente social é coordenado inviabiliza que as diferenças presentes no dia-a-dia sejam respeitadas e valorizadas enquanto diversidades. Algumas práticas escolares discriminatórias somam de forma prejudicial para a construção do imaginário social dos estudantes sejam eles negros, brancos, índios ou homossexuais, a respeito de si próprio. Ao não serem vistos nem representados, passam a sentir-se excluídos da vida social e passam a ter dificuldade de se identificar com seu grupo de origem. Nesse sentido Cavalleiro (2001, p.145) observa que:

“O fato de as professoras basearem-se na cor da pele e/ou nas características racial de seus alunos para diferenciá-los – “a moreninha”, “a branquinha”, “aquela de cor”, “a japonesinha” – constitui um aspecto que merece atenção. Não podemos esquecer que essa diferenciação representa um problema”

Estamos numa sociedade que a todo custo tenta impor valores, estilos, crenças e tudo aquilo que de alguma forma aproxima aos chamados padrões ditados pelo pano grosso da humanidade. A diferença nas dependências escolares é manifestada de diversas formas: racial, sexual, social e etc. A escola, como um ambiente de formação, deve promover ações coletivas em um espaço social de interação que possibilite uma melhor visão e uma personalidade com amplitude para respeitar as diferenças inseridas no universo de inter-relações. De acordo com Vygotsky (2000, p.15): “A cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade, ou seja, o universo de significações que permite construir a interpretação do mundo real”.

Nesse sentido, o relacionamento professor-aluno é de essencial importância para o processo educativo, pois pode influenciar o desempenho dos estudantes de forma positiva ou negativa. O pré-julgamento não é normal e nem natural de um ser vivente e pensante, principalmente no ambiente escolar que deveria melhorar e promover a igualdade entre os povos, no entanto é justamente neste espaço que ocorre grande parte das ações no tocante as múltiplas formas de preconceito. De modo geral, indivíduos com posturas preconceituosa são muito ligados aos seus valores positivos ou negativos enquanto sujeito afetivo, cultural, social, econômico e até moral. Segundo Piaget (1998, p.26):

“A falta de consciência do eu e a consciência centrada na autoridade do outro impossibilitam a cooperação, em relação ao comum, pois este não existe. A consciência centrada no outro anula a ação do indivíduo como sujeito”

Fugindo do âmbito escolar, pensa-se que em outros ambientes de formação a diferença e/ou desigualdade também ocorre. A defesa de uma universidade pública, gratuita, com acesso irrestrito, ensino crítico e de qualidade é uma expectativa – ou até mesmo um sonho – para boa parte dos sujeitos que frequentam/cursam o ensino superior, bem como, para diversas famílias que nutrem a expectativa de um dia ver os seus familiares ingressando neste espaço. Se de início a necessidade de passar em um processo seletivo – que na maioria das vezes coloca indivíduos com históricos diferentes para serem avaliados em critérios iguais – negando as suas experiências distintas de vida, formação e base material; em pouco tempo, não é difícil perceber que a própria universidade é um espaço que reproduz a lógica de desigualdade que perdura fora e dentro de seus muros.

4 | DE QUE FORMA O PROFESSOR PODE ROMPER OS LAÇOS DA DIFERENÇA NO AMBIENTE DE CONHECIMENTO?

A escola, apesar de ter a missão de propagar conhecimento, não se dissocia da sociedade. Também compartilha preconceitos, crenças, intolerâncias e visões

polarizadas sobre certas questões. Isso acontece basicamente porque a escola é feita por pessoas, que por mais boa vontade que tenham, passam à frente a sua maneira de enxergar o mundo. Isso independe de posição. Tanto professor quanto aluno chegam ao ambiente escolar já com conceitos formados, aprendidos em casa ou em outros ambientes. A diferença é que, em tese, o professor está preparado para lidar com as diferentes opiniões que ele enfrentará na sala de aula, enquanto que os alunos estão lá para aprender (o que não significa que o professor também não possa aprender com eles).

O preconceito racial, social, religioso, seja de qual tipo for, nada mais é que uma representação de pensamentos que estão além da escola. Ou seja, nem sempre o aluno teve contato com esse tipo de pensamento na sala de aula; ele traz isso de fora, por vezes se aprende isso na escola, em casa, na rua, em um filme, em algum livro, etc.. Acredita-se que a missão do professor nesses casos é promover a desconstrução desse tipo de pensamento, buscando a integração entre os alunos através de debates, aulas expositivas, visitas a centros históricos, uma completa fuga do modelo tradicional de educação.

Todo e qualquer processo de estudo está articulado com a história de cada indivíduo, e o ser humano consegue assimilar de forma mais fácil quando o novo pode exercer uma relação com algum aspecto de sua experiência prévia, com o conhecimento anterior, com algumas questões em que o indivíduo se coloca até mesmo como exemplo, com imagens, palavras e fatos do cotidiano que estão em sua memória, com vivências culturais.

O docente também não está à fuga desse processo de aprendizagem, na maneira como realiza a mediação dos conhecimentos, sua formação profissional e o saber pedagógico. O contexto da escola através da sua gestão, organização de tempo e espaço e da dinâmica das práticas que se dão em aulas também são determinantes no processo de aprendizagem e inclusão. No caso dos discentes, favorece a aprendizagem no ambiente educacional que, a princípio, se preocupa com todos eles, independentemente das características de cada um. Dessa forma a escola concebe a diversidade possibilitando aos aprendizes a enriquecer de forma produtiva no partilhar, na escola e na sala de aula, da oportunidade de capacitar-se uns com os outros. Essa não é uma tarefa simples, pois exige flexibilidade, sensibilidade e responsabilidade a fim de atender todas as necessidades e divergências que venham a ocorrer na sala de aula, atitude essa pouco praticada dentro da mesma. A fim de proporcionar uma melhor interação educacional cabe aos educadores praticar ações concretas e coerentes. É preciso deixar de educar como sempre se educou.

Qualquer professor que assuma esse comprometimento não encontrará no acúmulo de seus conhecimentos uma forma de dominar essa situação até porque tudo que é novo assusta e a não qualificação do mesmo poderá acarretar em um desequilíbrio mediante a situação.

Ao aluno, cabe a missão de compreender o poder que o conhecimento traz a

libertação que a informação pode promover na quebra de preconceitos. O professor pode agir aqui como agente facilitador dessa compreensão. Também é dever do aluno não se calar; procurar os professores e orientadores é de fundamental importância para que os mesmos compreendam de que maneira as diferenças são encaradas pelos estudantes.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já fora apontado o preconceito se faz presente em toda a sociedade, inclusive no espaço educativo. Tais manifestações geram humilhações que decorre muitas vezes em indivíduos tímidos, inseguros e inferiores aos demais. Levando em conta o papel da escola e do docente no processo de construção do conhecimento do aluno é de fundamental importância que todos estejam atentos para esses tipos de problemas que acontecem a todo instante e que aparecem de forma sutil para que esses não aconteçam na sala de aula. E que a partir disso, todos – professores, funcionários e discentes – possam reformular seus pensamentos e atitudes direcionados a essas diferenças.

Um professor que instaura padrões e importâncias de quem é o “melhor ou pior”, “bom ou ruim” obedecendo a um segmento da cor da pele, também está somando para que determinadas atitudes discriminatórias ocorram no seio escolar. Pois, é dever do educador a transmissão do saber elaborado, desprendendo-se de qualquer valor que vise à exposição de preconceitos, subordinação e diferenciação.

No entanto é preciso estar atento para alguns gestos, atos, apelidos que às vezes não são praticados só por alunos, mas também por educadores e saber esclarecer principalmente os que aparecem como invisíveis é fundamental. Dessa forma vamos estar perto de visualizar as diferenças e o preconceito existente no meio de formação que muitas vezes impede o processo de construção de aprendizado do jovem e adolescente.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ligia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceito, e sua superação. In: AQUINO, JulioGroppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

ARAÚJO, U. F. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, JulioGroppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. DEWEY, John. *Vida e Educação*. São Paulo: Victor Civita, 1980.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdade raciais no Brasil**. Rio de Janeiro; Edições graal, 1979.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, JulioGroppa.(Org.) **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

KRUEGER, MagritFroehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil**. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-04.pdf>>. Acesso em: 12 de Jun. 2010.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. Ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MENEZES, Waléria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escolar**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/licitacao/preconceito_racial.pdf>. Acesso em: 29 de Abril. 2014.

PINTO, R. P. **Movimento negro e educação do negro**: a ênfase na identidade. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1993.

ROSEMBERG, Fúvia. Raça e desigualdade educacional no Brasil. In: AQUINO, JulioGroppa. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e Conceitos Básicos sobre Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PIAGET, J. e GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1998.

OLIVEIRA, M. K. O problema a afetividade emVigotsky. In: Dela laTaille, Piaget, Vigotsky e Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, I.A. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial**: alguns caminhos. In CAVALEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: representando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

MEIHY, J.C. **Manual da história oral**. São Paulo: Loyola, 1996. OLIVEIRA, R. P. **Da universalidade do ensino fundamental ao desafio da qualidade**: uma análise histórica. Educação Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 661-690, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-013-1

